

O que é Gênero

Silvia Camurça Taciana Gouveia



edições
sos corpo

O que é gênero

O que é gênero

Sílvia Camurça
e Taciana Gouveia



SOS CORPO

Instituto Feminista para a Democracia

Este texto é uma versão modificada da cartilha
O Que é Gênero? Um Novo Desafio para as Trabalhadoras Rurais,
uma co-produção MMTR-NE, SOS CORPO
Gênero e Cidadania e DED-SACTES, 1995.

Coordenação de produção
Marcia Larangeira

Produção executiva e revisão
Fátima Ferreira

Capa, projeto gráfico e editoração
Carlos Pellegrino

Apoio



THE JOHN D. AND CATHERINE T.
MACARTHUR FOUNDATION



Este trabalho foi desenvolvido com o apoio financeiro da Comissão Europeia.
Os pontos de vista expressos são de responsabilidade dos autores e não refletem
necessariamente a posição oficial da Comissão.

G719q CAMURÇA, Sílvia; GOUVEIA, Taciana.
O que é gênero / Sílvia Camurça; Taciana Gouveia. - 4ed. -
Recife: SOS CORPO - Instituto Feminista para a Democracia,
2004. 4op. - (Cadernos SOS CORPO; v.1).

1. Gênero 2. Mulheres e sociedade

I. GOUVEIA, Taciana II. Título

CDU 396

Ficha catalográfica elaborada na biblioteca do Centro de Documentação e Apoio Pedagógico do SOS CORPO.

Edição

SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia
Rua Real da Torre, 593 - Madalena - Recife PE
Tel: 81 - 3445.2086 / Fax: 81 - 3445.1905
e-mail: sos@soscorpo.org.br

Sumário

Apresentação da Edição Original	7
Introdução	9
O Conceito de Gênero	11
Gênero: Mulheres e Homens	15
O Gênero do Trabalho	25
Política e Gênero	31
Gênero e Sociedade	35
Por que é tão difícil mudar as relações de gênero que oprimen as mulheres?	41
Indicações para Leituras	45

Apresentação da Edição Original

Tem sido difícil e complicado falar de “gênero” com as trabalhadoras rurais. Tentamos simplificar o conceito e chegar o mais perto possível do mundo das trabalhadoras.

Essa cartilha foi construída, passo a passo, com a avaliação das trabalhadoras rurais do Nordeste e foi uma aprendizagem conjunta. Tentamos sair da fala e da ação apenas com as mulheres, e iniciarmos a fala e a ação entre os dois sexos, de forma construtiva e política.

Mulheres e Homens juntos tentaremos trabalhar e viver de outra forma, com mais dignidade e justiça.

Esperamos que esta cartilha seja útil aos grupos que estão organizados ou em processo de organização. Muitos desafios se colocam para nós mulheres, dentre eles, o de pensar e viver com clareza e “atitudes de mudança” as questões de gênero.

Dedicamos esta cartilha a quem ousa pensar num mundo diferente e melhor para todos e todas.

Serra Talhada, outubro de 1995

Vanete Almeida

Assessora Sindical do Movimento de Mulheres Trabalhadoras

Rurais do Nordeste.

Introdução

O tema das relações de gênero vem ganhando espaço e legitimidade nas análises sociais e políticas. Até o início da década de 90 esse conceito tinha seu uso restrito ao mundo acadêmico e aos grupos feministas e de mulheres, hoje muita gente fala de gênero em variados contextos e lugares.

Sabemos que os conceitos e as idéias não são algo neutro, uma abstração distante da realidade, mas sim, que são frutos de processos sociais e reveladores do cotidiano e da ação política dos sujeitos da nossa sociedade. Assim sendo, não há como negar que a difusão do conceito de gênero está diretamente ligada à ação e transformação que o movimento de mulheres vem produzindo nas sociedades contemporâneas. Contudo, por ser uma idéia recente, existem muitas dúvidas sobre seu significado e uso, por isso estamos

publicando o presente texto. Elaborado numa linguagem simples, busca apresentar os elementos centrais do conceito de gênero para as pessoas que estão começando a se aproximar do tema. Além disso, é um instrumento de reflexão sobre aspectos importantes da nossa vida, muito útil para jovens, educadores/as, movimentos e organizações sociais.

Por fim, este texto é uma adaptação da cartilha **O que é Gênero? Um Novo Desafio para Ação das Mulheres Trabalhadoras Rurais**, uma produção conjunta do SOS CORPO e Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste. A Elas dedicamos este trabalho.

Silvia Camurça e Taciana Gouveia

O Conceito de Gênero

Hoje em dia o movimento de mulheres e alguns setores da nossa sociedade têm falado muito em gênero. Gênero é um conceito útil para explicar muitos dos comportamentos de mulheres e homens em nossa sociedade, nos ajudando a compreender grande parte dos problemas e dificuldades que as mulheres enfrentam no trabalho, na vida pública, na sexualidade, na reprodução, na família.

Para iniciarmos a nossa conversa, o primeiro passo para entender o que isto quer dizer, é mostrar as diferenças entre gênero e sexo.

Qual a diferença entre sexo e gênero?

Quando falamos em sexo estamos nos referindo aos aspectos físicos, biológicos de macho e fêmea, aquelas diferenças que estão nos nossos corpos e que

não mudam radicalmente, apenas se desenvolvem de acordo com as etapas das nossas vidas.

Sabemos que, desde que o mundo é mundo, as mulheres têm vagina e os homens têm pênis, e sabemos que depois de certa idade, as mulheres começam a menstruar e os homens a ter ejaculação; que somente depois de certa idade as mulheres e os homens começam a ter pelos, e que estes pelos se distribuem de modo diferente nos corpos de cada um. Sabemos ainda que a gravidez só acontece no corpo da mulher. Todas essas coisas são determinadas pelo sexo.

Outra coisa que pode nos esclarecer sobre a diferença entre sexo e gênero é que os animais também são machos ou fêmeas, mas eles não são homens ou mulheres, masculino ou femininos. Os animais não têm gênero.

O conceito de gênero se refere apenas às pessoas e às relações entre os seres humanos.

O que é gênero?

É a partir da observação e do conhecimento das diferenças sexuais que a sociedade cria idéias sobre o que é um homem, o que é uma mulher, o que é masculino e o que é feminino, ou seja, as chamadas representações de gênero.

Com isso, se estabelecem também as idéias de como deve ser a relação entre homem e mulher, a relação entre as mulheres e a relação entre os homens. Ou seja, a sociedade cria as relações de gênero.

Desta forma, o conceito de gênero implica em uma relação, isto é, nas nossas sociedades o feminino e o masculino são considerados opostos e também complementares. Na maioria das vezes o que é masculino tem mais valor. Assim, as relações de gênero produzem uma distribuição desigual de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, de acordo com o seu sexo. É por isso que se diz que as relações de gênero são relações de poder.

As relações de gênero são sempre as mesmas?

Como vimos, as relações de gênero são construídas a partir das diferenças sexuais, portanto, não são naturais. São criações da sociedade.

Sendo o gênero uma construção social, ele não se apresenta sempre da mesma forma em todas as épocas e lugares, depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, variando de acordo com as leis, as religiões, a maneira de organizar a vida familiar, a vida política de cada povo, ao longo da história.

As relações e as representações de gênero não variam apenas de um povo para outro, dentro de uma mesma sociedade elas também podem mudar, de acordo com a classe social da pessoa, da raça, da idade. É por isso que a situação das mulheres é muito diferente entre si, mesmo que todas elas compartilhem a vivência da discriminação e opressão.

Concluindo, o conceito de gênero se refere às relações entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens. Todas estas relações criam várias desigualdades, fazendo com que alguns tenham mais poder sobre outros, sejam considerados mais importantes e respeitados na sociedade. Isto também faz com que algumas pessoas tenham mais liberdade e oportunidade para se desenvolver do que outras.

Gênero: Mulheres e Homens

Já vimos que as relações de gênero são criadas pelos seres humanos. Isto significa que não nascemos com uma ou outra característica, mas que aprendemos a sermos como somos, no decorrer da nossa vida, nas coisas que experimentamos. Essa aprendizagem constrói também muitas diferenças entre as pessoas e muitas desigualdades nas relações de gênero.

O que aprendemos quando crianças?

Os primeiros contatos que temos com o mundo e as pessoas acontecem na família, onde o afeto e a autoridade estão muito ligados.

Na família as relações desiguais são muito claras, os mais velhos têm sempre mais poder do que os mais jovens, os homens mais poder do que as mulheres e estas diferenças se justificam muito pelo lado afetivo.

E é muito comum a gente ouvir e dizer frases como:

- Eu sou seu pai, sei o que é melhor para você.
- Eu sou a mãe e faço isso para o seu bem.
- Cuidar da casa faz parte de suas obrigações de mulher.

Além do que a gente diz, as crianças olham e aprendem com a observação do seu dia a dia. E o que é que as nossas crianças estão vendo?

O pai sai para trabalhar, passa o dia por lá, só volta para casa à noite, muitas vezes sem dar satisfações a ninguém. É ele quem tem o dinheiro e dá a palavra final sobre muitos assuntos da casa. Portanto, o homem é a autoridade, todos devem pedir autorização a ele, muitas vezes até mesmo a mãe tem que pedir a ele quando precisa sair. O homem não prepara a comida, não arruma a casa, nem cuida das crianças. Os homens estão sempre distantes e são menos carinhosos.

Por outro lado, a criança observa a mãe, que é responsável pela vida doméstica, mesmo quando trabalha fora. Sai menos que o pai e na hora de tomar decisões ela, geralmente, aceita o que o marido diz.

A mãe trabalha muito, mas quando o pai chega do serviço ela muitas vezes diz:

- Não aperreiem seu pai porque ele trabalhou muito e precisa descansar!

Ou então é o pai que diz:

- Mulher, traz logo minha comida que estou muito cansado e trabalhei muito!

Ora, as crianças viram a mãe trabalhando o dia inteiro, imaginam que ela deve estar cansada, mas ninguém parece se incomodar com isso, nem mesmo ela própria, então elas só podem imaginar que o trabalho feito pelas mulheres realmente não tem nenhum valor!

Quais as normas de gênero que encontramos na sociedade?

Muitas coisas que dizemos, diariamente, refletem as normas de nossa sociedade. Em um sentido geral, as normas são o que possibilitam a organização social e, portanto, não são coisas necessariamente ruins. Não matar o próximo, por exemplo, é uma norma que protege as pessoas, a escolha democrática das lideranças, sejam elas no sindicato ou no país, também são normas sociais que nos possibilitam uma vida melhor.

Porém, as coisas não são todas assim, existem regras sociais que prejudicam algumas pessoas ou grupos sociais, mesmo sem terem sido criadas com este objetivo. Neste caso se incluem as normas sociais que determinam o comportamento de homens e mulheres, ou seja, as normas de gênero.

As normas além de nos informar sobre como cada pessoa deve ser – o que é ser um homem, uma, mulher, uma senhora, um senhor, uma criança – nos indicam também os caminhos de vida que devemos ter. Estes jeitos produzem, na nossa sociedade, valores diferenciados para o que é masculino e para o que é feminino.

As normas de gênero produzem para as mulheres poucas esperanças e possibilidades, por exemplo, ter no casamento um destino. Mesmo com todas as mudanças, o casamento e a maternidade ainda são dominantes na vida das mulheres. Hoje em dia as mulheres podem até fazer outras coisas, como trabalhar, participar do sindicato, por exemplo, e estas atividades podem ser até valorizadas, mas o principal é que sejam esposas e mães. Para os homens as escolhas são muitas e variadas. Casamento e paternidade, mesmo sendo importantes, não são necessários na vida deles.

Qual a relação entre as normas de gênero e a nossa identidade?

Mesmo não entendendo direito o porquê da vida de homens e mulheres serem tão diferentes, as crianças geralmente aceitam, às vezes com alguma resistência, as informações que os adultos lhes dão. Isto acontece não só porque elas necessitam do amor de seus familiares e porque eles têm mais autoridade, como também porque é importante para todo mundo saber o que se é, ter uma identidade.

Do mesmo modo que todas as pessoas aprendem o seu próprio nome, na nossa sociedade aprendemos também sobre o nosso gênero, como é ser uma mulher ou um homem. Por conta disso, as crianças tendem a imitar as ações da mãe ou do pai, se aproximando daquele que lhe parece ser mais semelhante. É nesse processo que vai se formando a identidade de gênero.

A identidade de gênero inclui tudo o que se relaciona com o nosso desenvolvimento psicológico e também sexual. Ela vai se construindo ao longo da vida de cada pessoa, criando-se a partir dos valores e normas que a sua comunidade apresenta para o homem e para a mulher: vontades, desejos, sonhos, enfim, jeitos de ser.

Qual a relação entre gênero e sexualidade?

A nossa sexualidade também não é dada pela natureza, nascemos com um sexo, mas os nossos comportamentos, desejos e sentimentos têm uma ligação direta com a forma como as relações de gênero estão organizadas na sociedade.

Um exemplo muito claro de que nossa sexualidade, nosso desejo, não é dado pela natureza é o fato de que, diferentemente dos animais, os seres humanos não têm cio, as relações podem acontecer em qualquer dia, mês ou hora.

Por isso, para os homens e para as mulheres, não existe uma única forma de viver a sexualidade e estas várias formas também se modificam ao longo da história.

Porém, na nossa sociedade uma idéia muito antiga, ainda é bastante presente, é aquela que pensa que nos tornamos mulheres ou homens quase que somente a partir do momento em que temos a primeira relação sexual. É muito comum a gente escutar frases como: "tornou-se mulher", "virou homem" quando se quer dizer que uma pessoa não é mais virgem.

Contudo, pelo que temos visto até agora, já sabemos que nos tornamos mulheres ou homens bem antes da nossa primeira relação sexual, pois desde que nascemos

as relações de gênero determinam os comportamentos “femininos” e “masculinos” que devemos e não devemos ter em cada etapa de nossa vida.

Sabemos, pela nossa própria experiência, que a sexualidade é uma vivência que também começa a ser criada em nós, e por nós, desde muito cedo.

Quando a gente diz para uma menina: “não sente com as pernas abertas, você já é uma mocinha” e nunca fazemos observações semelhantes para os meninos, não estamos apenas ensinando “boas maneiras”, mas também estabelecendo diferenças na relação com o próprio corpo entre meninos e meninas. Estas diferenças se relacionam com a liberdade no uso do corpo, com a formação de uma sexualidade que é percebida pelas meninas como algo a ser escondido e pelos meninos como algo que deve ser expressado.

Acontece que, apesar de todas estas recomendações, nós temos as nossas experiências com o mundo, e nas brechas de todas as normas, construímos o nosso jeito de ser. Como os homens e os meninos, as mulheres e as meninas também sentem desejo, curiosidade de conhecer, tocar e sentir o seu próprio corpo e o do outro.

Contudo, tais sensações e pensamentos vão de encontro com o que o mundo espera de uma mulher

e a tendência é, às vezes, esconder e esquecer. Isto cria conflitos e dificuldades para as mulheres, além de reafirmar constantemente as desigualdades das relações de gênero, onde mulheres estão quase sempre submissas.

Essa estrutura é muito forte e poderosa e se espalha, mesmo sem a gente se dá conta, para outros lugares da nossa vida, além do quarto, além da cama. O afeto que as mulheres sentem por seus namorados, maridos ou companheiros, escondem e dificultam a visão do quanto a vivência sexual pode ser injusta e desvalorizar as mulheres.

Sabemos sobre a violência doméstica, sobre os medos que cercam as mulheres com relação à menstruação, gravidez, parto. Conhecemos também as dificuldades na criação e cuidado com as crianças.

Porém, existem outras coisas que parecem pequenas, mas que têm influência nas nossas ações diárias, seja dentro ou fora de casa. Estamos falando de todas as vezes que as mulheres têm que mentir para os companheiros, fingindo que sentem prazer ou inventando uma dor de cabeça para não ter relações sexuais. E também daquelas situações em que as mulheres têm desejo, vontade de ter relações

e não dizem para o seu companheiro por medo, vergonha ou culpa. Todas estas coisas reforçam o lugar de submissão das mulheres, diminuem sua auto-estima, o gostar de si mesmas, do jeito que são.

Quem se prejudica com as relações desiguais de gênero?

Vimos até agora que as mulheres têm sido, ao longo da história, oprimidas e discriminadas pela forma como se organizam as relações de gênero. Porém, apesar de terem mais poder na relação, os homens também sofrem algumas consequências negativas do modo como estão estruturadas as relações de gênero, na nossa sociedade, mesmo que eles não saibam disto.

Não deve ser fácil ouvir, desde pequenininho, que homem não chora. Imaginem só: estar triste, sentir uma dor, do corpo ou do coração, e não poder demonstrar! Todo um mundo de afetos e sensações, de aconchego e carinho, a nossa sociedade proíbe aos homens.

A obrigação de ser forte dificulta a vida e o desenvolvimento pessoal e coletivo dos homens, tanto quanto o dever de ser fraca prejudica as mulheres.

O Gênero do Trabalho

Na nossa sociedade trabalho é, geralmente, associado aos homens, como se só eles o fizessem. Mas, na realidade, o trabalho não é só “coisa” de homem, nós mulheres sabemos disto muito bem.

O movimento de mulheres tem tratado de mostrar que o trabalho não é uma atividade masculina, as mulheres sempre estiveram trabalhando. Quando as fábricas começaram a existir, as mulheres estavam lá; quando se observa o trabalho na agricultura e na pecuária as mulheres estão lá; nos serviços de saúde, nos serviços de educação elas também estão.

O que a gente vê é que, desde que o mundo é mundo, as mulheres e os homens sempre trabalharam, seja em casa, na fábrica, na roça, no comércio, na escola e até mesmo em dois desses lugares ao mesmo tempo.

Pela nossa própria experiência, sabemos que há uma divisão sexual do trabalho, ou seja, que há tarefas que são consideradas masculinas e outras femininas, dividindo, assim, as ações de homens e mulheres na sociedade.

Quais as conseqüências desta divisão do trabalho?

Na maioria das sociedades, as atividades de cuidar das crianças e das pessoas mais velhas, preparar comida, cuidar da casa, das roupas, dar educação, é sempre um trabalho feito pelas mulheres. Ou seja, o trabalho doméstico é sempre responsabilidade de nós mulheres.

A educação e a saúde, quando são feitas de forma coletiva, como nas escolas ou postos de saúde, são também tarefas das mulheres.

Estando o mercado de trabalho organizado por sexo, o preço da mão-de-obra também irá variar conforme seja um homem ou uma mulher quem faz o serviço. A observação cotidiana nos mostra que são as mulheres quem recebem os salários mais baixos, é o trabalho delas que é desvalorizado. Além disso, tem a dupla jornada, fazer o trabalho de fora e dentro de casa.

Sabemos que a estrutura familiar faz com que o mundo da casa seja vivido e percebido como sendo

um lugar das mulheres e, portanto, menos valorizado. Não é por acaso que é tão raro que os homens se interessem pelo trabalho doméstico. O serviço da casa é muito desvalorizado até o ponto de, para muitas pessoas, não ser considerado nem sequer como um trabalho.

Quando as mulheres fazem outros tipos de trabalho, que não o doméstico, o salário que recebem é visto como apenas uma “ajuda”. O trabalho importante e o salário principal vem sempre do homem. No nosso dia a dia, sabemos que essa idéia é falsa, mas ela serve como justificativa para as diferenças salariais entre homens e mulheres.

Assim podemos concluir que, quanto mais desiguais são as relações de gênero, maior a desigualdade na divisão de trabalho e também as barreiras que separam as profissões de homens e de mulheres.

Já vimos que não podemos analisar a situação de todas as mulheres da mesma maneira, pois sua situação vai depender também da sua raça, idade, do lugar onde vive. Da mesma forma, existem diferenças entre as mulheres, vamos dar dois exemplos:

As mulheres que são assalariadas, ou seja, trabalham fora de casa e recebem um salário.

Podem ser operárias, comerciantes, trabalhadoras rurais, empregadas domésticas, entre outras. Essas mulheres geralmente trabalham longe de suas casas, acordam muito cedo para fazer o serviço doméstico e quando chegam só vão dormir depois que a casa está em ordem novamente.

Na maioria dos casos não têm onde deixar as crianças pequenas. Elas ficam o tempo todo preocupadas com o que está acontecendo em casa, se sentem culpadas, pensando que são mães descuidadas. Além disso, muitos patrões preferem contratar as que têm as trompas ligadas para evitar o afastamento delas do serviço, por causa da gravidez ou de problemas com filhos pequenos. Para piorar tem gente que se recusa a assinar carteira mesmo isso sendo contra a legislação trabalhista.

Outra é a situação das **pequenas produtoras rurais**, elas têm algumas vantagens, podem conciliar o trabalho da casa com o trabalho da roça e assim a vida fica um pouco mais fácil; podem parar para descansar, ir em casa tomar banho e voltar mais tarde, fazem o seu próprio horário. Porém há muitas dificuldades.

Sua produção é, normalmente, de pequeno valor, embora os animais que as mulheres criam para

alimentar a família e a roça doméstica contribuam bastante no orçamento familiar. Elas não têm licença maternidade e a aposentadoria é difícil porque precisam comprovar que são trabalhadoras rurais.

Normalmente ficam com o terreno pior e com os produtos e animais de consumo familiar, enquanto os homens ficam com a lavoura, os produtos de venda, além dos animais de maior valor no mercado. Outro grande problema, da pequena produtora rural, é a sua invisibilidade no sindicato, no INCRA, nos bancos, que preferem negociar com os homens.

Pois é, muita coisa tem que mudar, pensamos que relações de trabalho mais justas e democráticas ajudariam muito na diminuição das desigualdades entre homens e mulheres. Porém, para mudar as relações de gênero é fundamental que os homens comecem também a participar e se sentirem responsáveis pelas tarefas do dia a dia de sua família, filhos e filhas, pais e mães.

Política e Gênero

O que se diz por aí é que a política é uma atividade pública. Quer dizer, a política é feita na rua, ou trazendo para casa o que se aprendeu na rua. Por exemplo:

as eleições - a gente vota nas escolas, os comícios são nas praças, o guia eleitoral passa na televisão, nos rádios e saem notícias no jornal. Ou seja, não é ficando em casa que se faz eleições;

as greves - faz parte da política dos sindicatos. A greve é planejada em reuniões, as negociações são coletivas e nos sindicatos, o acordo é assinado e publicado em jornal;

a organização das mulheres - os encontros são nos sindicatos, ou em centros de

treinamento, às vezes na sala paroquial ou na casa de alguém do grupo, mas é sempre preciso sair da casa para se organizar.

A vida política é um espaço das mulheres?

A atividade política é uma atividade pública, realizada no espaço público, ou seja, no espaço de todos.

E aqui chegamos ao X do problema: esse espaço de todos, tem sido considerado como um espaço dos homens. Para as mulheres as relações de gênero reservam o espaço da casa e da família.

Conduto, as mulheres têm buscado fazer do espaço de todos o espaço de todos e todas. As mulheres têm ocupado o espaço público. Elas fazem isso ao trazerem para o debate público problemas da vida privada para serem debatidos e modificados, como por exemplo: a divisão de trabalho, a violência doméstica e sexual. Tudo isto é hoje tema de ação política.

Fazer ação política é transformar um problema particular e privado em problema público e coletivo. Fazer política é ocupar o espaço público do debate, da manifestação, das ruas e das praças. Isto é, as mulheres ao fazerem política estão transformando as relações de gênero, já que, tradicionalmente, não se espera isso delas.

A política é uma coisa difícil para muitas mulheres porque, entre outras coisas, fomos educadas para a vida privada, somos tímidas quando estamos em público, temos pouco treinamento de falar e reivindicar.

Mas isto é assim não porque somos do sexo feminino, isto é assim porque as relações de gênero formam nosso jeito de ser.

Por que queremos democratizar as relações de gênero?

A timidez, o medo, o nervosismo das mulheres nas atividades políticas não são um problema de sexo, mas questões de gênero. Assim, ao democratizarmos estas relações o espaço público também será das mulheres.

Contudo, será que indo para as ruas, ocupando os lugares que eram só dos homens nos sindicatos, partidos e movimentos, as mulheres estarão transformando, totalmente, as relações de gênero? E o espaço da casa continuará sendo só das mulheres e, portanto, sem nenhum valor para a sociedade? Será que a casa, a vida privada também não são espaços políticos?

De forma resumida, as relações de gênero organizam as idéias mais ou menos assim:

rua - espaço público, da liberdade, da política e da criação, espaço do homem; o homem é o rei;

casa: espaço privado, do cotidiano, da rotina, e do afeto, espaço das mulheres, : a mulher é a rainha.

Só o espaço público das ruas e das praças são o espaço da política? Ou o espaço da família, da casa também são?

Queremos espaço público sem afeto? Queremos espaço privado sem política?

Discutir estas questões também é transformar as relações de gênero.

Gênero e Sociedade

Agora você já sabe que as relações de gênero são relações de poder que se constroem, constantemente, ao longo da história e no nosso dia a dia, entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens.

Sabemos também que as desigualdades de classe, a discriminação racial e as diferenças de idade formam, juntamente com as relações de gênero, um grande conjunto que determina a distribuição desigual e injusta de poder e oportunidade entre as pessoas.

Vimos que as relações de gênero estão presentes em todos os lugares da nossa vida, no que fazemos, pensamos e até mesmo no que sentimos. Veremos agora outros aspectos das relações de gênero.

O que constrói e mantém as relações de gênero?

1. Os símbolos

Todas as sociedades possuem imagens, figuras, músicas, lendas, histórias de cordel, romances, novelas, filmes e muitas outras coisas que são contadas para as crianças desde cedo, formando, assim, os símbolos dessas sociedades.

Por exemplo, a imagem de Nossa Senhora, como modelo de mãe, Eva como a causadora do pecado. As princesas e mocinhas dos romances e novelas sempre bem boazinhas e fracas. As bruxas, feias e ruins. Já os homens são quase sempre reis, heróis, fortes, corajosos. Andam de carro em alta velocidade, praticam esportes radicais, são violentos. Esses símbolos sofrem modificações no decorrer da história.

Contudo, mesmo que a gente possa criar novos símbolos e modificar os antigos, eles são um elemento básico na forma como as relações de gênero se organizam e se mantêm nas sociedades, pois neles está representada a tradição de cada uma.

2. As normas e os valores

As normas e valores também têm um papel muito importante nas relações de gênero, elas dizem não

só o que devemos ou não fazer, separando o que é de mulher e o que é de homem, mas também valorizam, de maneira diferenciada, as pessoas e suas ações. Geralmente a sociedade valoriza quem segue as normas bem direitinho. Tanto a mulher quanto o homem, quando fazem ou pensam alguma coisa diferente, são discriminados, considerados “errados”.

Essas normas podem estar escritas no papel, como é o caso das leis, ou não. Essas normas e valores não escritos são aqueles ligados à educação, tradição e costumes, e muitas vezes são os mais difíceis da gente notar e também modificar.

3. As instituições

Nós vimos também como as relações de gênero organizam e são organizadas pela família, trabalho e política. Estas instituições, e também muitas outras como a igreja, a escola, a justiça, expressam aquilo que as normas e os valores querem dizer. Alguns exemplos:

Na igreja católica as mulheres não podem realizar os sacramentos, rezar missa, batizar, casar, nem podem ser papa.

Na escola os homens quase nunca são professores de crianças pequenas, mas muitas vezes são os diretores da escola.

Na justiça até muito pouco tempo atrás as mulheres não podiam ser juízas e mesmo hoje, quando já conseguiram, não podem comparecer ao tribunal usando calças compridas.

4. A subjetividade

As relações de gênero são um dos principais componentes da formação de nossa identidade pessoal. Elas mexem com muitas coisas da nossa vida, desde o nome que temos – pois se chamar Maria é diferente de se chamar João – passando pelos nossos afetos e sentimentos e chegando na sexualidade.

Tudo isso, o que acontece lá dentro da gente, o que somos, pensamos, sentimos, amamos, odiamos, desejamos, é chamado de subjetividade. É a nossa subjetividade que nos faz sermos diferentes de todo mundo, mesmo que a vida da gente tenha muitas coisas em comum.

Pois bem, as normas, os valores, os símbolos, o funcionamento das instituições, tudo isso também constrói nossa subjetividade. Cria nossos desejos, nossos medos, nossos sonhos e nossas esperanças. A subjetividade de mulheres e homens é também construída.

É assim que a sociedade constrói, mantém ou modifica as relações de gênero, a partir de cada norma, de cada lei, das instituições, dos símbolos, da maneira de falar e da subjetividade de cada homem e de cada mulher.

Mas, por que é tão difícil mudar as relações de gênero que oprimem as mulheres?

Por que muitas mulheres, mesmo sabendo e sentindo que são oprimidas e discriminadas, não fazem quase nada para mudar esta situação?

A gente até pode responder que é porque os homens não deixam, a sociedade não dá espaço. Mesmo sabendo que estes fatos são verdade, será que é só isso?

As relações de gênero têm uma força muito grande na vida de todo mundo, indo das instituições até a nossa subjetividade.

Aprendemos, desde cedo, a viver estas relações e sempre ouvimos que elas devem ser assim. As mulheres, mesmo que tendo muitas desvantagens,

têm também pequenos ganhos, como não serem obrigadas a garantir o sustento da família, poder chorar, ser vaidosas, organizar a vida doméstica, mandar nos filhos e filhas, fazer dengo, ser caprichosas, as famosas “coisas de mulher”.

A sociedade recompensa as mulheres quando seguem direitinho as normas sociais e estas recompensas se dão de várias formas: o amor da família, a admiração e o respeito da comunidade, a satisfação pessoal pelo dever cumprido e até mesmo a segurança por ter uma identidade feminina.

Não é fácil para ninguém arriscar – quem já mudou os rumos de sua vida sabe disso. O que se pode perder mudando as coisas assustam demais as pessoas, fazendo com que elas não queiram nem questionar o velho modelo de ser mulher.

No caso das relações de gênero a gente vê, muito claramente, que não são só os homens que precisam mudar, pois sendo uma relação, a mudança de um leva, obrigatoriamente, à mudança do outro.

Por fim....

Um dos elementos fundamentais que nos traz o conceito de gênero é a idéia de que, transformar o modo como há muito tempo se vem organizando as

relações entre homens e mulheres nas sociedades, não é simplesmente trocar os lugares de quem domina e de quem é dominado, nem é achar que se vai acabar com mulheres e homens e ficar tudo uma coisa só.

Na verdade, o que precisamos acabar, totalmente, é a idéia de que diferenças nos corpos – sejam elas sexuais, raciais ou de idade – justifiquem desigualdades, opressão, discriminação e injustiça.

Podemos ser bem diferentes, e na verdade somos, não há no mundo duas pessoas que sejam idênticas, mas o que somos e o que fazemos tem, e deve ter sempre, o mesmo valor.

Indicações para Leituras

- CAMURÇA, Silvia e GOUVEIA, Taciana. *Cidade Cidadania. Um Olhar a partir das Mulheres*. Recife, SOS CORPO, 1995.
- CORRÊA, Sonia. *Relações Desiguais de Gênero e Pobreza*. Recife, SOS CORPO, 1995
- HEILBORN, Maria Luiza. "Gênero e Hierarquia. A Costela de Adão Revisitada." in *Estudos Feministas*, vol. 1, nº 1, Rio de Janeiro, CIEC/ UFRJ, 1993.
- JELIN, Elizabeth. "Mulheres e Direitos Humanos" in *Estudos Feministas*, vol. 2, nº 3 Rio de Janeiro, CIEC/ ECO/ UFRJ, 1994.
- JELIN, Elizabeth. "Construir a Cidadania: uma Visão desde Baixo " in *Lua Nova*, nº 33, São Paulo, CEDEC/ Paz e Terra, 1994.
- PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões. A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Editora Best Seller, 1991.
- PARKER, Richard e BARBOSA, Regina (orgs). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume - Dumará, 1996.
- SAFFIOTI, Heleith. e MUNOZ, Vargas (orgs) *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro, UNICEF/ NIPAS / Rosa dos Tempos, 1994.
- SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Recife, SOS CORPO, 1995

Edição	SOS CORPO
Tipo principal	MrsEavens
Tipo secundário	Univers 47 condensed
Papel	Offset 90 g/m ² (miolo) Supremo 250g/m ² (capa)
Número de páginas	46
Tiragem	???
Impressão	???
Finalização	Novembro de 2004